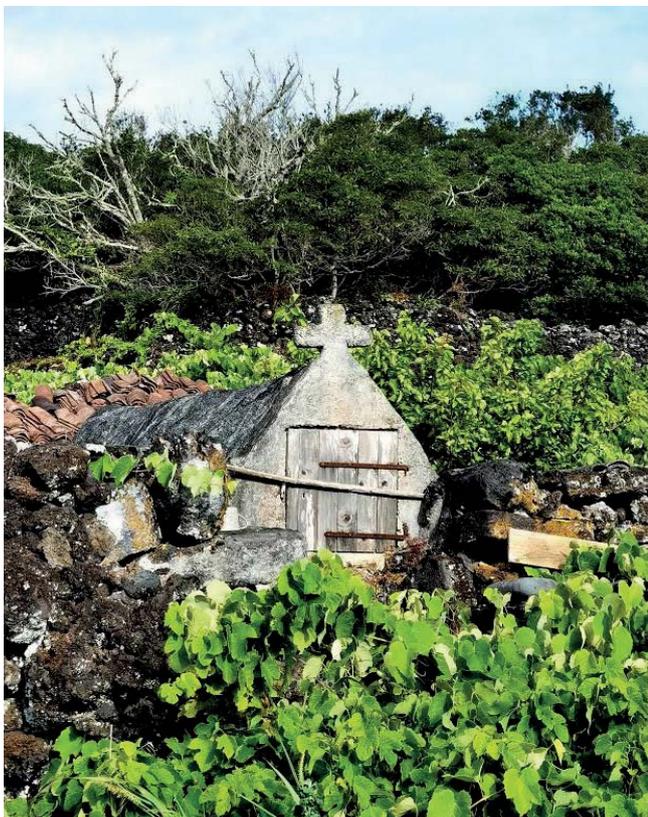




José Gabriel Avila*
jgazores@gmail.com

Quando a chuva falta

“Seria prudente que as atuais e futuras habitações tivessem depósitos de dimensões convenientes para fazer face a eventuais ruturas no abastecimento público de água. Sendo um bem escasso, não é sensato que ela se perca, sem benefício”



A falta de água em pleno verão nas pastagens altas da Ilha do Pico é uma situação que anualmente se repete.

Dizem os investigadores que devido à porosidade da ilha, a água das chuvas perde-se nas profundezas da terra.

As Lagoas do Caiado e do Capitão, as maiores bacias hídricas picenses, apresentam níveis abaixo do habitual.

O calor que ora se faz sentir, mais a pouca pluviosidade proporcionam a falta de bem tão precioso para as culturas.

Os lavradores que trazem gado no mato veem-se aflitos para cuidar deles, porque os caminhos não são de acesso fácil e as distâncias são longas. Faltam equipamentos de retenção e mesmo os existentes

não foram abastecidos suficientemente devido à escassez de chuvas.

Aos poucos, a lavoura apercebe-se que a solução é recorrer à instalação de depósitos artificiais de dimensões convenientes e muitos lavradores já o vão fazendo.

Noutros tempos, as casas eram construídas com cisternas ou tanques, abastecidos pela água das chuvas captadas dos telhados, dos eirados, pátios e outras superfícies cimentadas para esse fim.

Alguns tanques, construídos nos baixos da casa, tinham acesso pela própria cozinha das habitações. A água era puxada à corda em baldes de madeira de cedro. Só mais tarde apareceram as bombas manuais e recentemente as elétricas.

Os tanques primitivos, eram construídos nas imediações da cozinha. As grandes propriedades possuíam tanques em pedra lavrada, de grandes dimensões, com grandes eirados. Ainda recentemente, na freguesia da Criação Velha, foi recuperada uma dessas cisternas antigas cujo interior foi transformada em piscina.

A maioria das cisternas tinha dimensão adequada ao consumo familiar, com eirado horizontal, ou mais saliente no meio, em forma de burra, para permitir o armazenamento e frescura da água. No interior do tanque, havia uma cavidade para guardar o balde e também usada para manter frescos alguns alimentos, dado que não havia frigoríficos, como agora. (Os primeiros que aqui chegaram eram a gás botano, devido à falta de eletricidade e vieram da Base das Lajes.)

Na paisagem desta ilha, inclusive nas zonas de adegas é vulgar encontrar o tanque junto à adega, ou no meio da vinha, cuja água era imprescindível para os usos habituais, para lavar vasilhame e fazer a calda dos sulfatos para vinhas, figueiras e outras fruteiras.

Cuidar do arranjo do tanque era uma preocupação constante: fosse mantendo pintado o eirado com cal para tapar as fissuras da estrutura, fosse cuidando e lavando o interior para que nada afetasse a água, e nenhuma fenda pudesse, de um momento para o outro e sem se notar, esvaziar o depósito e prejudicar a vida da família.

Tanque cheio era sinal de bem-estar, de limpeza, de conforto e de saúde. Quando faltava água no tanque, era um penar: tinha de se ir lavar roupa nos paúis do mato, longe de casa, ou pedir água aos vizinhos que também a conservavam, religiosamente.

Um dia destes encontrei uma cisterna muito antiga (foto anexa) com uma cruz em pedra na parte frontal, dando a ideia que o seu construtor pretendeu, simbolicamente, fechar a cúpula do tanque de burra, entretanto desativado devido ao abastecimento público de água.

Nas zonas mais baixas e litorais da ilha do Pico, para além dos tanques existiam os poços de maré de que se fazia grande uso.

Recentemente, nas Lajes do Pico, após um levantamento rua a rua, concluiu-se terem existido, há pelo menos meio século, cerca de 90 poços de maré. Alguns deles serviam duas casas e outros situavam-se em espaços públicos ao serviço de todos.

Sou do tempo em que ir buscar um pote de água ao poço era uma tarefa diária das donas de casa, fosse para lavar roupa e louça, fosse para cozinhar. Até para beber servia. Nos poços de maré não faltava água, fosse no enchente fosse no vazante. Curiosamente, havia poços com água mais ou menos salobra, consoante a sua localização na Vila. Muitos deles, com a distribuição de água ao domicílio foram aterrados e outros foram transformados em fossas sépticas.

Queira a evolução dos tempos e as alterações climáticas que não se volte a recorrer à água dos poços de maré, dessalinizada.

Quanto aos tanques e cisternas volto a dizer que seria prudente que as atuais e futuras habitações tivessem depósitos de dimensões convenientes para fazer face a eventuais ruturas no abastecimento público de água.

Sendo um bem escasso, não é sensato que ela se perca, sem benefício. Muito menos que se continue a deixar lançar ao mar grandes quantidades desse bem precioso que corre, constantemente e em abundância, sobretudo nas ilhas de São Miguel e Flores.

Só quem recorda as canseiras de ir buscar água ao poço ou ao tanque e a ter de lavar roupa no mato desta ilha, dá o valor a esse bem precioso e escasso que a sociedade consumista menospreza.

Engrade, Pico

*jornalista c.p. 239 A
<http://escritemdia.blogspot.com>